

A FORÇA DE UMA CATEGORIA ÉTNICA COLONIAL NO ALTO AMAZONAS: OMÁGUA (SÉCULO XVI-XVIII)

*Ênio José da Costa Brito**

*Professor de Pós-graduação em Ciências da Religião na PUC/SP

O ser humano não é ontologicamente tal, mas que é constituído como tal pelo discurso que o constitui.

*Noções tais como Novo Mundo, Terceiro Mundo, Países Emergentes são classificações epistêmicas, e quem classifica controla o conhecimento
(Walter Mignolo)*

Resumo:

Para compreender os Omagua, que viveram no Alto Amazonas, a autora enfatiza o discurso produzido pelos agentes espanhóis, que se fizeram presentes na região da Amazônia, entre os séculos XVI e XVIII, recorrendo a relatos, crônicas e manuscritos. Mostra como a categoria Omagua foi construída pelos espanhóis, apresentado seus diversos elementos, em especial o grupo populacional. Construção que facilitava a dominação e o controle das populações indígenas. Este comunicado percorre a estrutura da tese, tecendo pontuações e realçando aspectos importantes. Faz eco ao debate ocorrido por ocasião da defesa.

Palavras chaves: Etnia: Colonialismo. Amazonas: Séculos XVI-XVIII. Omagua: Povo Indígena.

Abstract:

To understand the Omagua, Indians who lived in the Upper Amazon river, the author emphasizes a discourse – reports, chronicles and manuscripts – produced by Spanish agents who were present in that Amazon region, between the sixteenth and eighteenth centuries. She argues that the Omagua is a category built up by the Spaniards. This category draws its various cultural dimensions, mainly the people. This ideological construction helped the domination and control of indigenous peoples. This category was the backbone of a thesis where intertwining some data and highlighting important aspects of the issue were at stake. It reverberates also the debate held in the thesis defense occasion.

Keywords: Ethnicity: Colonialism. Amazon: Centuries XVI–XVIII. Omagua: Indigenous people.

Considerações preliminares

¹ Tese defendida no dia 16 de dezembro de 2014, a mesa arguida-
ra composta pelos Pro-
fessores (as) Doutores,
Fernando Torres-
Lodoño (orientador),
Camila Loureiro Dias,
Eliane Cristina Deck-
mann Fleck, Ênio José
da Costa Brito e Yvone
Dias Avelino.

² Nesta citação e a
partir dela passarem-
os a indicar apenas
a página da tese: R. O.
Souza, *Omaguas: In-
venção e trajetória de
uma categoria étnica
colonial no alto Ama-
zonas: séculos XVI ao
XVII*. Boa parte da
bibliografia citada nas
notas de rodapé é reti-
rada da tese.

³ G. WILDE, *Religión
y poder en las Misiones
de Guaraníes*. Buenos
Aires: SB, 2009.

Rosemeire Oliveira Souza escolheu como objeto de estudo um tema desafiador, que exigiu um diuturno trabalho artesanal de construção e análise. Construção e análise que se deram conjuntamente. Desafiador, também sob o aspecto temporal, por percorrer três séculos de história do XVI ao XVIII. *Omaguas: Invenção e trajetória de uma categoria étnica colonial no alto Amazonas: séculos XVI ao XVII*, é o título da tese defendida no Programa de Estudos Pós Graduaados em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.¹

A *categoria étnica colonial* presente no título chama atenção do leitor para uma fantástica operação ocorrida no período colonial, fazer do Novo Mundo uma extensão do espaço europeu. Ela abrirá caminho para comparar, mensurar, nomear e qualificar os povos indígenas do Alto Amazonas. Nas palavras da autora: *os discursos foram a maneira de enquadrar, adaptar esse novo à visão europeia, ou melhor, à normalidade de hábitos e costumes europeus* (p. 37).²

A tese ajuda-nos a compreender a monumental *Redutio* realizada pelos colonizadores, operação cognitiva que estabeleceu uma plataforma para a dominação. Uma vez criadas, as categorias étnicas e políticas, elas favoreceram o controle e a administração mais eficiente das populações indígenas. *Em relação à política colonial, segundo Guillermo Wilde a tendência dos grupos foi criar categorias étnicas e políticas para controlar e administrar mais eficientemente as populações indígenas* (p.19).³

Revisitando a estrutura

Na *Introdução*, Souza nos avisa: *operações como nomeações e classificações foram as formas encontradas pelos europeus para dar conta do outro, do diferente* (p.10), confirmando que: a produção verbal serve para administração, gestão do sentido

A *Introdução* prepara bem o leitor para receber o texto, ao deixar claros os objetivos da tese: discutir, resgatar, contribuir e identificar. Discutir a questão indígena de uma forma interdisciplinar, de modo que pudesse pensar as populações passadas e presentes e, ainda, discutir as reconfigurações étnicas até então desprezadas pelos pesquisadores – a etnogenese (cf. p.17).⁴ Resgatar o protagonismo indígena repensando as suas ações (p.11). Contribuir para desmistificar conceitos, estereótipos e representações e identificar as apropriações e manipulações da categoria pelos diferentes atores (populações indígenas, religiosas e demais agentes do processo de colonização).

Vale lembrar que, desde 1492, os povos do continente americano foram gradativamente submetidos, por parte dos agentes da colonização ibérica, a sucessivos projetos civilizacionais, que visavam uma assimilação espiritual, econômica e cultural da população indígena ao universo hispânico-luso.⁵ Para os europeus, carentes de sonhos, o Novo Mundo configurou a partir de 1492, num convite a evasão, pretexto para reelaboração de mitos esquecidos. Antes mesmo que se concluísse a empresa fantástica do *Descobrimento* ou do *Encobrimento* a realidade americana já se tornara ficção.

Na *Introdução*, propõe boas questões e oferece ao leitor suas preocupações, observou Fleck. No capítulo I, intitulado, *O Sonho europeu e a realidade fantástica: a categoria Omá-gua*, procura responder duas questões: *Como as populações Omagua surgiram na documentação colonial espanhola? Como os grupos populacionais foram mencionados em nosso processo histórico? Ou como entraram na narrativa ocidental?*

Para respondê-las, examina as estratégias e os mecanismos destas formulações, mostra como o maravilhoso americano, inaugurado por Cristóvão Colombo foi decisivo nos processos do século XVI. A autora deixa-se, também, seduzir pelo fantástico, pelo maravilhoso apresentado pelas crônicas. O capítulo coloca o leitor, em contato com a diversidade de grupos indígenas, de vegetação e de flora, no contra ponto da documentação, que busca homogeneizar, o que abre espaço para uma discussão sobre essa tensão no período.

⁴ No início, essa terminologia foi utilizada para expressar a emergência física de novos grupos políticos. Atualmente, acredita-se que não apenas transformações políticas seriam responsáveis por novos grupos, tornando-se necessário levar em consideração as formas de definição identitária de um mesmo grupo ao longo do tempo (p. 17).

⁵ Deve-se estar atento ao caráter eurocêntrico dessa noção de civilização. Segundo Norbert Elias, na concepção ocidental, civilizar corresponde a um processo de sincronização da conduta humana, visando moldar um espírito de autocontrole e previdência em relação às teias de interdependência de conexões intercontinentais. Cf. N. ELIAS, *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2 vol. Rio de Janeiro:1993.

As categorias de *representação e imaginação*, tão presentes no capítulo, merecem uma explicação. A primeira, muito conhecida e utilizada pelos historiadores, mas menos conhecida de outros leitores; a segunda com forte dimensão simbólica.

Souza explicitou e bem o potencial da palavra notícia – uma espécie de mantra no capítulo –, palavra de peso do capítulo, motivadora de ações. Ela motivou a expedição de Cortes ao império chamado Culéia (p. 44), foram as notícias associadas a projeção de riquezas no interior, que tornou-se um motivo gerador de ilusões nos mais diversos estratos sociais, como também desempenhou um papel determinante na criação do universo fabuloso de riquezas (p. 41) Notícias essas sempre alimentada por rumores.

O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada, interpretada através de múltiplas perspectivas. A autora fica devendo ao leitor uma palavra sobre como ele é entendido na tese.

Ao longo do processo de conquista, o conceito *maravilhoso*, gradualmente, foi enriquecido, explicitou e agregou valores. Este processo teve consequências concretas. Por exemplo, *o maravilhoso traz em sua essência o cunho econômico, responsável por incitar vorazes interesses...* (p. 49); o maravilhoso recebe a conotação política (p. 60); é uma categoria epistemológica (p. 61).⁶

⁶ Para ampliar a visão sobre o maravilhoso ver G. GIUCCI, *Viajantes do maravilhoso*. O Novo Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. O autor examina os relatos de Colombo, Cabeça de Vaca e Hans Staden, mostrando como pouco a pouco a experiência se sobrepôs à imaginação.

A descoberta do novo mundo pos em xeque conhecimentos geográficos legados pelos antigos e implodiu a estreita topografia cristã, que: postulava a impossibilidade da existência de adamitas fora do círculo judeu arábico-cristão.

Fato gerador de tensões e conflitos, daí a questão: como os conquistadores buscaram uma solução frente ao novo? Para a autora, diante do novo, o europeu habitante do *Velho Mundo*, adotou a retórica da alteridade (p. 33, 47); refugiou-se na *similitudo europocentrista*, isto é, o novo é filtrado pelo antigo, assegurando a este à sua supremacia ou acolheu a diversidade, estigmatizando-a.

Mais razão, polícia e governo: a categoria e os atributos do século XVII é o título do capítulo segundo. Nele, a autora volta-se para os discursos, presentes nas crônicas e nos escritos de missionários, visando apontar os atributos, que ao serem atribuídos à categoria Omágua acabaram por estruturá-la e realçar suas peculiaridades.

Na documentação do século XVI, Omagua aparecia sempre como uma nação Grandiosa, sendo critérios para essa defini-

ção: (1) a densidade populacional, pois as áreas citadas eram, segundo os relatos, densamente povoadas; (2) a organização política, sempre com referência a caciques; (3) a organização territorial; e (4) as grandes riquezas. Todos esses elementos são os responsáveis pela criação de La Gran Omagua, segundo a ótica dos deferentes sujeitos espanhóis (pp. 97-98).

Soares relembra que cada cronista projeta nas narrativas sua visão e intencionalidades sobre o que esta vendo, daí os aglomerados indígenas serem descritos com diversas denominações: nações, povos e populações (p.116).

Penso, que a contribuição maior do capítulo, marcado por muita repetição é verdade, mas que dialoga com uma rica documentação, ainda pouco trabalhada pela nossa historiografia, é de oferecer uma contribuição epistemológica no âmbito dos estudos das populações indígenas, ao debruçar sobre as crônicas, que nada mais são como você nos diz *um esforço epistemológico, ou seja, um procedimento de tradução de um tipo de conhecimento para outro* (p.100);⁷ ao deslocar o foco do missionário para os índios, deslocamento que coloca novos desafios para os pesquisadores.

Entre os inúmeros desafios destacamos: como pensar as *culturas nativas* no bojo de conquista; como nas diferentes situações de contato, em diferentes épocas, frente à diferentes problemas sociais, históricos e religiosos, as culturas indígenas elaboraram respostas originais e imprevisíveis; como os conjuntos mítico-rituais foram relidos e re-significados para continuarem dando sentido ao mundo indígena; que estratégias indígenas, missionários e colonos empregaram diante das mudanças rápidas para ressignificarem seus sistemas simbólicos?

Estas questões estão presentes nas entrelinhas de capítulo, a sua explicitação leva o leitor ao cerne do encontro cultural, que ocorreu no alto Amazonas entre espanhóis, indígenas e os missionários.

A meu ver é possível aproveitar alguns tópicos menores para ampliar as informações, pensando sempre no futuro leitor. Apresento cinco sugestões.

Quando nos informa acerca da expedição comandada por Pedro Teixeira que deveria refazer, em sentido contrário, a viagem dos Franciscanos que tinham descido o rio Amazonas até Belém (p.105). Vale lembrar que um dos acompanhantes de Pedro Teixeira, na expedição que subiu o rio, foi o jesuíta Alonso de Rojas. Ele escreveu o livro intitulado *Relação do descobrimento do rio das Amazonas*.⁸ O texto merece estar na bibliografia final, ao lado livro de La Condamine (p 177).⁹

⁷ Segundo Leandro Karnal as crônicas históricas da América podem ser classificadas em três tipos: crônica paralela à conquista, crônica religiosa e crônica de indígenas ou de mestiços cristianizados. Cf. L. KARNAL, *As crônicas ao sul do equador*. In: *Idéias*, Campinas 13/2 (2006) pp.18-19.

⁸ A. de ROJAS, *Relação do descobrimento do rio das Amazonas, hoje São Francisco de Quito e declaração do mapa onde está pintado*. São Paulo: Nacional, 1941.

⁹ C. M. de LA CONDAMINE, *Viagem na América Meridional descendo o Rio das Amazonas*. Brasília, DF: Senado Federal, 2000.

¹⁰ E. J. da C. BRITO, *Anima Brasílis*. Identidade cultural e experiência religiosa. São Paulo: Olho D' Água, 2000, pp. 65-66.

¹¹ C. ACUÑA, *Nuevo descubrimiento del gran rio Del Amazonas, en el ano 1639*. In *Monumenta Amazônica. Iquita, Perú: Ceta, 1986*. Tradução Brasileira. *Novo descobrimento do rio das Amazonas*. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

¹² A. C. TAYLOR, *História Pós-Colombina da Alta Amazonas*. In M. C. da CUNHA, *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

¹³ G. GIUCCI, *Sem fé, lei ou rei*. Brasil 1500-1532, Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

¹⁴ L. de la CRUZ, *Nuevo descubrimiento del Rio de las Amazonas hecho por los misioneros de la provincia de San Francisco de Quito, el año 1651*. Quito – Equador: Biblioteca Amazonas, Vol. VII, 1942; S. FRITZ, *Diário do Padre*. In P. MARONI, *Noticias Autênticas Del Rio Marañona*. Iquitos: CETA, 1988.

¹⁵ A. AGNOLIN, *O apetite da Antropologia*. O sabor

Rojas relata a subida do rio pela expedição (1637), conciliando a visão edênica e a visão temporal. Pode-se dizer que:

a visão de Rojas é também mercantilista. O olhar do padre vagueia pela natureza aquilatando o valor monetário ou mesmo os benesses do uso fruto. O eixo da narrativa de Rojas é um rio humanizado, amigo e cristão. As mulheres guerreiras estão presentes neste paraíso.¹⁰

Esta informação ajuda a entender o título do livro de Acuña, *Nuevo descubrimiento del gran rio del Amazonas en el ano de 1639*, que é comentado logo a seguir.¹¹

Na página 116, retoma uma expressão já presente no título do capítulo *mais razão, governo e policia*. O sentido do termo *policia* precisa ser explicitado, no seu significado antigo refere-se à civilização, cultura – [mais razão, mais governo e mais civilização!] – ideia muito bem explicitada na tese.

Ao apresentar a história das missões, segundo Anne Taylor, refere-se à expulsão dos jesuítas em 1767, no Brasil já tinham sido expulsos em 1759. Cabe aqui uma informação: em 1758, Pombal numa carta alertava para a necessidade da Espanha expulsar os jesuítas como única possibilidade de vencer a guerra contra os índios no sul da colônia, claramente apoiados por eles.¹²

Na página 151, refere-se às ferramentas que são apresentadas como prêmio, moeda a circular nas relações euro-índigenas, e no capítulo terceiro como caráter demarcatório (p.185). Pensando na estratégia dos missionários para ganhar *o coração, a confiança e a fé dos índios* e levando em conta a intenção primeira dos mesmos, penso que temos um tema rico para uma reflexão, as relações entre tecnologia (ferramentas) e o sagrado no período colonial – tema pouco estudado. Guíllermo Giucci tem algumas considerações sobre este tema no seu livro *Sem fé, lei ou rei. Brasil 1500-1532*.¹³

Uma última sugestão, tendo presente que Acuña (p.147), La Cruz (p. 150) e Fritz (p.151) fazem referência a práticas antropofágicas.¹⁴ A autora tem aqui uma ótima oportunidade de elaborar uma nota de rodapé, comentando o fato e indicando um texto de referência, que pode ser o de Adone Agnolin, *O apetite da Antropologia. O sabor antropofágico do saber antropológico: alteridade e identidade no caso Tupinambá*.¹⁵

O leitor tem numa passagem do capítulo segundo, o fio condutor para a recepção do mesmo e a preparação para o próximo. Afirmção esta de João Monteiro, que nos deixou

prematuramente. Almeida afirma que ele nas suas pesquisas sobre as sociedades indígenas abriu veredas novas ao considerar algumas questões teórico-metodológicas da história e da antropologia que a meu ver tiveram forte influência no que se pode chamar de desinteresse dos historiadores pela temática indígena e ausência de uma perspectiva interdisciplinar em sua abordagem.¹⁶

Diz Monteiro:

Neste sentido, as novas denominações espelhavam não apenas os desejos e as projeções dos europeus, como também os ajustes e as aspirações de diferentes populações nativas que buscavam lidar – cada qual à sua maneira – com os novos desafios postos pelo avanço do domínio colonial.¹⁷

O capítulo final tem como título, *De Omaguas a Cambebas: os embates pela categoria*. Nele, respaldado pelas fontes, demonstra como a categoria foi manipulada pelos diferentes grupos (europeus e indígenas). Os espanhóis procuraram entender e apropriar o universo indígena (p.161), como parte de um projeto maior (p.164); os indígenas ao assumirem categorias impostas pelos outros (p.168), deixam transparecer um processo de etnogenese, visibilizado pelas permanentes reformulações étnicas e políticas e os portugueses transformaram os Omagua em Cambeba (p.182), dando novas dimensões à categoria transformando-a no principal elemento demarcatório de limite entre as coroas.

Duas breves pontuações: a primeira referência aos Cambeba está na página 176, mas é só na página 186, que o leitor fica sabendo que Cambeba é uma renomeação dos Omagua pelos portugueses.

As informações sobre La Condamine (p.178) podem ser ampliadas. La Condamine, depois de ter trabalho oito anos no Peru para a expedição científica, resolve descer o rio Amazonas. Ele se propôs escrever um trabalho científica sobre a Amazônia, mas suas descrições não devem nada aos relatos mais fantasiosos. *Foi o fantástico o que mais chamou atenção de La Condamine. O que se vê é a fusão das realia e das mirabilía, esta preponderando, pois as hipóteses levantadas, as conjecturas registradas no diário são realidades maravilhosamente inventadas.*¹⁸

O leitor sente falta de uma cartografia, que facilite acompanhar e visualizar, por exemplo, a área de disputa entre espanhóis e portugueses, os rios de região.

antropofágico do saber antropológico: alteridade identidade no caso Tupinambá. São Paulo: Humanitas, 2005.

¹⁶ M. R. C. de ALMEIDA, *Metamorfo-ses Indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003, p. 26. A observação de Almeida é confirmada pelos estudos de G. Boccarra, ver *Colonización, resistencia y mestizaje en las Américas (siglos XVI-XX)*. Quito: Ediciones Abya-Ayala, 2002.

¹⁷ J. M. MONTEIRO, Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo. In R. O. SOUZA, *Omaguas: Invenção e trajetória de uma categoria étnica colonial no Alto Amazonas: séculos XVI ao XVIII*, p. 111.

¹⁸ E. J. da C. BRITO, *Anima Brasilis*, op. cit., pp. 66-67.

Uma das questões mais fascinantes deste capítulo é a problemática relacionada com a identidade. Antropólogos, etno-historiadores e etno-linguistas tem se debruçado sobre ela nos últimos anos. Na tese, encontramos afirmações insistentes como esta: *as identidades são antes de tudo sociopolíticas – são culturais somente de modo secundário* (p.164) (repetida em outras passagens, p.166).

Roberto de Oliveira e Darcy Ribeiro, por exemplo, defendem a irredutibilidade étnica à esfera cultural;¹⁹ Manuela Carneiro e Sylvia Caiuby procuram ir além. Para Carneiro, *a cultura é dimensionada para contrastar com a sociedade envolvente*.²⁰ Por sua importância no âmbito antropológico, esta questão pede uma ampliação.

Finalizando

Na perspectiva de uma historiografia renovada, que dialoga com outras áreas do conhecimento, a autora releu as fontes, o que lhe possibilitou desvelar o protagonismo indígena. Através de um exame meticuloso das fontes coloniais resgatou a nomeação Omagua, associada pelos espanhóis a grupos indígenas, vistos como mais desenvolvidos. *Foi como povo do Eldorado, senhores do rio, as populações com mais razão, policia e governo, ou seja, com esses traços civilizatórios, que se tornaram os possíveis colaboradores dos espanhóis nas demandas coloniais* (p.194).

Valem lembrar dois tópicos, presentes na tese de Rosemeire Soares, que cortam pela raiz visões redutivas, relacionadas com as missões e com a história indígena. Com relação às missões, a autora critica a concepção de missão como espaço fixo, mostrando serem elas um espaço dinâmico (p.132). As missões eram áreas de conflito, espaços pluriétnicos (p.136). Nelas, os indígenas intervinham no processo, não eram apenas receptores. (p.139). Nas palavras da autora: *assim, em relação às missões, as entendemos nesta pesquisa como um espaço de evangelização, mas também de conflito, de negociação e, acima de tudo, de relações interétnicas que muitas vezes imprimia uma dinâmica àquelas missões* (p.144).

Com relação à história indígena, no contraponto de uma certa historiografia que insiste em homogeneizar as nações indígenas, a documentação aponta para diferentes grupos indígenas (p.140), evitando a criação de *camadas de silêncio*, na expressão de Michel-Rolph Trouillot.²¹

Um traço marcante da tese é o diálogo entre a antropologia e a história, diálogo útil e fundamental, mas não se pode

¹⁹ R. C. de OLIVEIRA, *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976, p. XV; R. DARCY, *Os índios e a civilização*. A integração das populações indígenas no Brasil Moderno. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 446.

²⁰ M. C. CUNHA, *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense / EDUSP, 1986, p. 99; S. C. NOVAES, *Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros*. São Paulo: EDUSP, 1993, p. 46.

²¹ Ver M-R TROUILLOT, *Silencing the past. Power and the production of History*. Boston: Beacon Press, 1995. A expressão é empregada pelo autor para indicar deformações de memórias históricas de povos que ficaram nas bordas da história.

perder de vista que tem limites. Para ser efetivo, tem que ser consistente. Cabe a história a reconstrução das categorias no tempo, o que possibilita recompor o ponto de vista do passado.

A leitura cuidadosa da documentação realizada pela autora, apresenta importantes indícios a partir dos quais se pode repensar a presença e o papel de atores sociais, que foram relegados por gerações ao esquecimento ou as fimbrias da história colonial. São pesquisas como estas, que mostram o quanto ainda temos para aprender sobre nosso passado colonial.

A leitura da tese ajuda-nos a compreender não só as questões étnicas, mas também as políticas que envolvem as identidades indígenas coloniais. Este olhar ao passado nos traz de volta ao presente das sociedades indígenas brasileiras, que vivem momentos de apreensão e esperança.